

MARGINALIDADE, SUBJETIVIDADE E HETERONÍMIA

Jaime Ginzburg (USP)

RESUMO: O objetivo do estudo é examinar a heteronímia de Fernando Pessoa, a partir de uma perspectiva conceitual pautada em Walter Benjamin. A hipótese interpretativa consiste em que, tendo como referência poemas atribuídos a Álvaro de Campos, podemos examinar a constituição do sujeito fragmentário, em articulação com a marginalização da poesia lírica na sociedade moderna, tendo em vista as reflexões de Benjamin sobre Charles Baudelaire.

PALAVRAS-CHAVE: Fernando Pessoa - fragmentação - poesia lírica moderna - Walter Benjamin

Este texto consiste em um relato provisório de leitura, vinculado a uma tentativa de pensar as relações entre lírica e sociedade, na perspectiva aberta pelos pensadores da Escola de Frankfurt. A pauta deste estudo consiste em apontar alguns índices do significado que a complexa relação entre lírica e modernidade tem para a formação do fenômeno da heteronímia, componente decisivo da poética de Fernando Pessoa. Como a questão é abrangente, são recortados do conjunto da produção do poeta textos atribuídos ao heterônimo Álvaro de Campos [1] escolhendo um enfoque de investigação, e deixando em suspenso a necessidade de um posterior aprofundamento, em que se esclareçam as conseqüências dessa leitura particular de um dos heterônimos para a compreensão global do trabalho do Autor.

O enfoque escolhido é a relação entre a noção de marginalidade e o fenômeno da heteronímia. Tendo como referência esses dois pontos, é equacionada a forma como a sociedade moderna se apresenta para o sujeito lírico. Destacando trechos de alguns poemas, a reflexão tenta revelar uma coerência interna na complexa produção de Álvaro de Campos e, através da consideração dos princípios dessa coerência, explicitar traços do embasamento mental da configuração heteronímica, e índices de condicionamentos subjetivos e sociais em referência dos quais a lírica de Fernando Pessoa articula seus temas.

A noção de marginalidade aparece nos poemas de Álvaro de Campos basicamente em dois sentidos. No primeiro caso, o sujeito poético aparece como amparo, como receptáculo de representantes de setores da vida social moderna considerados marginais em relação à ordem hierárquica de produção de padrões burgueses: "Todos os vadios dormiram um momento em cima de mim, / Todos os desprezados encostaram-se um momento ao meu ombro, / Atravessaram a rua, ao meu braço, todos os velhos e os doentes, / E houve um segredo que me disseram todos os assassinos" (p. 195). Não se trata de referenciar especificamente marginais transgressores, criminosos, mas toda espécie de individualidade que se exclua do modelo genérico de vida burguesa (com referência ao qual se definem o prezado e o desprezado) e da ordem produtiva (da qual não participam os vadios, os doentes e os velhos).

O segundo caso é quando o sujeito assume ele mesmo a condição marginal. A atitude em relação aos marginais em particular, de amparar, se contrapõe à da sociedade em geral em relação a ele próprio, que é, num certo sentido, a lateralização. A marca da marginalidade é instituída socialmente com base na incapacidade de compreensão dos outros: "Sou eu mesmo, a charada sincopada / Que ninguém da roda decifra dos sertões da província" (p. 113). A intensificação da condição marginal se dá, no limite, quando o Eu encarna a transgressão à ordem social: "Cometi todos os crimes, / Vivi dentro de todos os crimes / (Eu próprio fui, não um nem o outro no vício, / Mas o próprio vício-pessoa praticado entre eles..." (p. 193). Levado as últimas consequências, o sentimento de marginalidade associa-se à impossibilidade, tendo em conta os modelos de comportamento, de relacionar-se socialmente: "E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil, (...) Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo" (p. 235).

A incompreensão dos outros e o abismo em relação aos modelos de comportamento instituídos, entraves a comunicabilidade com a comunidade (a insistência em 'comum' é de ênfase), denotam uma situação difícil, a problemática de uma relação com a sociedade fundada na diferença. O padrão de vida burguês comum, a própria idéia de padrão de vida, aparecem em oposição ao domínio da

subjetividade. "Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável? / Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa? (...) Assim, como sou, tenham paciência!" (p. 206).

Para o sujeito, essa diferença esta calcada numa atitude mental particular em relação ao mundo. Segundo ele mesmo, seu olhar é sustentado por condições subjetivas que são diferentes daquelas padronizadas para o pensamento e o sentimento. O sujeito lírico carrega a experiência vivida com radicalidade: "Amei e odiei como toda a gente, / Mas para toda a gente isso foi normal e instintivo, / E para mim foi sempre a exceção, o choque, a válvula, o espasmo." (p. 191). Nessa perspectiva, os outros são incapazes de perceber a significação do que vivenciam: "Outros viajam (também viajei) (...) Não sentem o que há de morte em toda a partida, / De mistério em toda a chegada, / De horrível em todo o novo..." (p. 217). É exatamente na atitude de refletir sobre os sentimentos da experiência pessoal que reside a diferença entre o sujeito lírico e os outros: "A capacidade de pensar o que sinto que me distingue do homem vulgar / Mais do que ele se distingue do macaco" (p. 127). Essa idéia reverte, pelo critério do contraste com o macaco, para uma concepção não trivializável, dignificável, de humano, aqui associada à reflexividade sobre o sentimento, em oposição à ingenuidade. O pensamento, aqui, explorando a significação dos acontecimentos, estudando os sentimentos, articulando a subjetividade, intensifica o sentido da experiência humana.

Essa intensificação do sentido é especialmente necessária porque a experiência padronizada do indivíduo moderno, em si, para o Eu lírico, é cunhada pela precariedade. O fundamento moderno disso é que a individualidade tem sua singularidade distorcida e diluída em meio ao universo das multidões. "E todos os que se levantam cedo para ir trabalhar / Vão da mesma casa para a mesma fábrica por o mesmo caminho..." (p. 200). O significado da ontologia da individualidade é suprimido, para dar lugar ao interesse do evento espetacular moderno da multidão, que aparece de forma impressionante, na "Ode triunfal":

Hé-lá as ruas, hé-lá as praças, hé-lá-hô la foule!
Tudo o que passa, tudo o que pára às montras!

Comerciantes; vários; escrocs exageradamente bem-vestidos;
Membros evidentes de clubes aristocráticos;
Esquálidas figuras dúbias; chefes de família vagamente felizes;
E paternais até na corrente de oiro que atravessa o colete
De algibeira a algibeira!
Tudo o que passa, tudo o que passa e nunca pasma!
Presença demasiadamente acentuada das cocotes,
Banalidade interessante (e quem sabe o quê por dentro?)
Das burguesinhas, mãe e filha geralmente,
Que andam na rua com um fim qualquer;
A graça feminina e falsa dos pederastas que passam, [lentos;
E toda a gente simplesmente elegante que passeia e se mostra
E afinal tem alma lá dentro!

(p. 150)

A multidão, configuração psicossocial cuja estratégia de manutenção é assimilar toda e qualquer particularidade num imenso saco de gatos, é expressa no poema com precisão semântica, pelo acúmulo de imagens, pela combinação por critérios duvidosos ou estereotipados de tipos humanos, pelo trânsito atropelado de múltiplos e até incompatíveis valores e desejos.

Na "Saudação a Walt Whitman", o sujeito faz uma analogia entre a intensidade emocional da leitura poética e a intensidade que sente ao transitar por entre a multidão:

Nunca posso ler os teus versos a fio... Há ali sentir demais...
Atravesso os teus versos como uma multidão aos encontrões a mim,
E cheira-me a suor, a óleos, a actividade humana e mecânica,
Nos teus versos, a certa altura não sei se leio ou se vivo,
Não sei se o meu lugar real é no mundo ou nos teus versos.

(p. 184)

Tema importante da literatura moderna, como assinala Benjamin [\[2\]](#), a multidão motiva um sentimento até certo ponto ambíguo em Álvaro de Campos. Por um lado, o envolvimento do sujeito com a multidão tange uma intensidade emocional que num certo sentido é fascinante. Porém, há outro sentimento que se manifesta:

e o de ser um entre outros, isto é, o de diluir o significado do próprio Eu pela pouca relevância que a unidade detém no universo quantitativo das multidões. "Janelas do meu quarto, / Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é / (E se soubesse quem é, o que saberiam?)" (p. 209). No "Opiário", esse sentimento se radicaliza, culminando na nadificação da subjetividade: "hoje, afinal, não sou senão, aqui, / Num navio qualquer um passageiro / Não tenho personalidade alguma" (p. 146).

Aquela aptidão de pensar sobre o que se sente, manifestada em outros pontos da produção de Álvaro de Campos, é conduzida no intuito de definir o sentido, ou o teor do Eu, recaindo na pura negatividade "Não sou nada. / Nunca serei nada. / Não posso querer ser nada" (p. 208); na relativização da experiência vivida - "Começo a conhecer-me. Não existo. / Sou o intervalo entre o que desejo ser e os outros me fizeram. / Ou metade desse intervalo, porque também há... / Sou isso, enfim." (p. 140); na perplexidade - "Mas eu, eu... / Eu sou eu, / Eu fico eu, / Eu..." (p. 122); ou na inquietação da "Passagem das horas" — "Penso em que é que me ficara (...) Deste desassossego no fundo de todos os cálices, / Desta angústia no fundo de todos os prazeres" (p. 190).

A negatividade, a relativização, a perplexidade e a inquietação são expressões da consciência da precariedade das vivências individuais. Precariedade enfatizada na imagem do homem que encara a morte, no belíssimo "Aniversário": "O que eu sou hoje é terem vendido a casa, / É terem morrido todos, / É estar eu sobrevivente a mim mesmo como um fósforo frio..." (p. 224), e em "Tabacaria"; "Ele morrerá e eu morrerei" (p. 212). Essa postura, perceptível em textos como o espantoso "Nirvana" [3] de Raimundo Correia, e "O deus-verme" [4] de Augusto dos Anjos, representa uma crítica à mentalidade positivista, legitimadora de transformações sociais de que Fernando Pessoa tinha consciência histórica. O avanço das ciências aplicadas, o desenvolvimento de uma sociedade embasado em uma mentalidade "essencialmente comercialista e industrialista" [5], que derivou no alargamento das multidões, teve repercussões decisivas sobre as visões de mundo. O abismo que separa os problemas emocionais particulares e os padrões mentais que o

imaginário social moderno produziu em nome do positivismo é revelado pelos poemas. "Aniversário" e "Tabacaria" falam exatamente da morte do próximo, dado ético decisivo para a individualidade, perdido em meio a uma ideologia positivista alheia a mal-estares individuais. A natureza da subjetividade está permanentemente exposta à precariedade da condição humana em relação à morte, e essa precariedade foi intensificada na modernidade pela introdução de um dado novo: o anonimato da individualidade no mundo da multidão, da unidade no mundo das quantidades do capitalismo industrial. Em Álvaro de Campos, tudo que se faça nessa equação, nesse contexto, perpassa essa precariedade.

O sentimento de exclusão então se legitima; para um sujeito que se reconhece com uma sensibilidade mais aguda que os demais, esse "assujeitamento", essa "coisificação", que a ideologia do progresso tem autorizado em nome de ilusões civilizatórias, em Álvaro de Campos, corrompe a própria noção de humano.

A atitude lírica tem uma função decisiva: reagir, como quer Adorno, "*a coisificação do mundo, ao domínio das mercadorias sobre os homens*" [6]. E existe uma única estratégia possível para a reação: "O sujeito tem que sair de si mesmo pela dissimulação" [7]. Tem que se tornar recipiente de uma linguagem que, sem compromisso com a função comunicativa imanente à ordem social, diga aquilo que escapou à coisificação das subjetividades, atingindo dessa forma a "corrente lírica subterrânea" que é "pano de fundo de toda lírica individual" [8]. É através desse processo que a lírica faz reconhecer as contradições da sociedade em que se originou, e ainda "a ultrapassa". [9]

Esse "sair de si" - que lembra o que José Miguel Wisnik [10] estudou como 'luminção profana' referindo-se às experiências da profecia, da droga e da própria literatura - esse desejo de alteridade parece ser a única saída para o desafogo de um Eu, numa sociedade em que o processo histórico descaracterizou a própria noção de indivíduo.

E o desejo de alteridade aparece com insistência na produção de Álvaro de

Campos. "Quem dera que houvesse / Um terceiro estado pra alma, se. ela tiver só dois... / Um quarto estado pra alma, se são três os que ela tem..." (p. 203). Em "Insônia", o descentramento é associado à droga: "Ah, o ópio de ser outra pessoa qualquer!"

(p.218)

O "sair de si", na verdade, não tem rumo claro. Exemplifica isso a imagem da viagem sem rumo na "Ode marítima": "Ah, seja como for, seja por onde for, partir! / Largar por aí fora, pelas ondas, pelo perigo, pelo mar. / Ir para Longe, ir para Fora, para a Distância Abstracta, / Indefinidamente, pelas noites misteriosas e fundas, / Levado, como poeira, pelos ventos, pelos vendavais! / Ir, ir, ir, ir de vez!" (p.165).

O desejo de alteridade indefine seu objetivo: "Que; inquietação profunda, que desejo de outras coisas, / Que nem são países, nem momentos, nem vidas, / Que desejo talvez de outros modos de estados de alma" (p. 158). "Anseio com uma angústia de fome de carne / O que não sei que seja - / Definidamente pelo indefinido..." (p. 207). "Não sei qual é o sentimento / Que me desvia do caminho (...) Um desejo de indefinido, / Um desejo lúcido de indefinido." (p. 238).

Essa abertura para o indefinido é um gesto de paixão: "Porque eu amo infinitamente o finito, / Porque eu desejo impossivelmente o possível, / Porque quero tudo, ou um pouco mais, se. puder ser, / Ou até se não puder ser..." (p. 118-9). É uma abertura para a vivência do mundo; a relação complexa com a sociedade convive com um desejo intenso de experiência.

Em certa perspectiva, a alteridade coincide com o sensacionismo, postura diante da experiência em que o sentir é marcado pela ênfase:

Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir.
Sentir tudo de todas as maneiras.
Sentir tudo excessivamente,

Porque todas as coisas são, em verdade, excessivas
E toda a realidade é um excesso, uma violência.

(p. 132-3).

Decisiva também, segundo Arrigucci, como característica da ficção de Guimarães Rosa [11], a ênfase é, em Álvaro de Campos, componente fundamental. O delírio "épico" da "Ode marítima" é carregado de ênfases formais (pontuação exclamativa, repetições lexicais, onomatopéias, articulações rítmicas) e temáticas (sensações físicas e transgressões sociais pluralizadas): "Fogo, fogo, fogo, dentro de mim! / Sangue! Sangue! Sangue! Sangue!"

(p.168).

O poder de ter experiências intensas é levado a um grau descomunal de ênfase quando o Eu lírico transgride as limitações inerentes ao humano associando-se à divindade. Nessas ocasiões, ao invés de padronização e atrofia da experiência subjetiva, ao invés de coisificação, no universo lírico se manifestam sentimentos como "gana", "desejo", "fúria", "vitória", lembrando aquela força vital que é um dos componentes da personagem épica:

Não era só ser concretamente vosso acto abstracto de orgia,
Não era só isto que eu queria ser - era mais que isto o
[Deus-isto!
Era preciso ser Deus, o Deus num culto ao contrário,
Um Deus monstruoso e satânico, um Deus panteísmo
[de sangue,
Para poder encher toda a medida da minha fúria imaginativa,
Para poder nunca esgotar os meus desejos de identidade
Com o cada, e o tudo, e o mais-que-tudo das voasse vitórias!

(p. 172)

Porque eu, por minha vontade de me consubstanciar com Deus,
Posso ser tudo, ou posso ser nada, ou qualquer coisa,
Conforme me der na gana...
Ninguém tem nada com isso...
Loucura furiosa!

Vontade de ganhar, de saltar,
De urrar, zurrar, dar pulos, pinotes, gritos com o corpo.

(p. 185)

A instituição da ênfase na experiência subjetiva, como forma de "sair de si", como reação aos sentimentos de coisificação e precariedade, não se restringe à intensificação e à pluralização de certos sentimentos. O desejo do sujeito lírico é o de sentir tudo o que é possível:

Sentir tudo de todas as maneiras

(p.196);

Fui para a cama com todos os sentimentos,
Fui *souteneur* de todas as emoções,
Pagaram-me bebidas todos os acasos,
Troquei olhares com todos os motivos de agir,
Estive mão em mão com todos os impulsos para partir.

(p. 195)

E, à maneira de um Deus, o sujeito sente, percebe o mundo, a totalidade, em sua completude, em sua unidade: "Que tudo é uma só velocidade, uma só energia, uma só divina linha" (p. 199).

Na ocasião da experiência intensa, a totalidade do mundo é transferida para o próprio sujeito: "Sinto na minha cabeça a velocidade de giro da terra, / E todos os países e todas as pessoas giram dentro de mim" (p. 200).

Este ponto é particularmente importante. Tentando retomar: o sentimento de totalidade em Álvaro de Campos é encarnado pelo próprio sujeito lírico, motivado pela necessidade de experiência intensa. Essa necessidade, por sua vez, deriva da consciência da coisificação do individual. A convicção dessa consciência vem de uma visão diferenciada do mundo, visão cuja sustentação social é a condição marginal. Sem ainda esgotar os problemas, este raciocínio procura desvendar uma coerência própria na produção atribuída a Álvaro de Campos, ligando até aqui as noções de marginalidade e totalidade. No ponto em que nos situamos, a relação do

sujeito com a totalidade do mundo esta expressa pela representação, na última passagem citada, de um sujeito que sente conter dentro de si uma imagem viva do mundo.

A hipótese aqui proposta para a compreensão do fenômeno da heteronímia em Fernando Pessoa está fundada nessa representação. Para explicar essa idéia, é preciso ainda explicitar algumas mediações.

Ocorre que o mundo, em Álvaro de Campos, mesmo que compreendido enquanto unidade, não é uma unidade homogênea. O mundo é constituído como diversidade e multiplicidade:

Ó fugas contínuas, idas, ebriedade do Diverso!
Alma eterna dos navegadores e das navegações!
(...)
Viver o momento tremulamente sobre águas eternas,
Acordar para dias mais directos que os dias da Europa,
Ver portos misteriosos sobre a solidão do mar,
Virar cabos longínquos para súbitas vastas paisagens
Por inumeráveis encostas atônitas...
Ah, as praias longínquas, os cais vistos de longe,
E depois as praias próximas, os cais vistos de perto,
O mistério de cada ida e de cada chegada,
A dolorosa instabilidade e incompreensibilidade
Deste impossível universo
A cada hora marítima mais na própria pele sentido!

(p. 161)

A subjetividade, compreendendo a diversidade do mundo, se ajusta a ela:

Sou um monte confuso de forças cheias de infinito
Tendendo em todas as direcções para todos os lados do espaço,
A Vida, essa coisa enorme, é que prende tudo e tudo une
E faz com que essas forças que raivam dentro de mim
Não passem de mim, não quebrem meu ser, não partam meu
[corpo
Não me arremessem, como uma bomba de Espírito que estoira
Em sangue e carne e alma espiritualizados para entre as
[estrelas,
Para além dos sóis de outros sistemas e dos astros remotos.

(p. 134)

E há uma sinfonia de sensações incompatíveis e análogas.
Há uma orquestração no meu sangue de balbúrdias de crimes.
De estrépitos espasmados de orgias de sangue nos mares,
Furibundamente, como um vendaval de calor pelo espírito,
Nuvem de poeira quente anuviando a minha lucidez
E fazendo-me ver e sonhar isto tudo só com a pele e as veias

(p. 170)

Oh turbilhão lento de sensações desencontradas!
Vertigem tênue de confusas coisas na alma

(p. 177)

Eu torno-me sempre, mais tarde ou mais cedo,
Aquilo com quem simpatizo, seja uma pedra ou uma ânsia,
Seja uma flor ou uma idéia abstracta,
Seja uma multidão ou um modo de compreender Deus.
E eu simpatizo com tudo, vivo de tudo em tudo.

(p. 192)

Ter todas as opiniões
Ser sincero contradizendo-se a cada minuto,
Desagradar a si-próprio pela plena liberdade de espírito

(p. 196)

Eu? Mas sou eu o mesmo que aqui vivi e aqui voltei,
E aqui tornei a voltar, e a voltar,
E aqui de novo tornei a voltar?
Ou somos todos os Eus que estive aqui ou estiveram,
Uma série de contas-entes ligadas por um fio-memória,
Uma série de sonhos de mim de alguém de fora de mim?

(p. 208)

Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa!

(p. 209)

A consequência imediata dessa disposição da subjetividade é a relativização dos valores, que são compreendidos na sua circunstancialidade, de se sustentarem dentro de uma visão entre outras, e não como leis absolutas:

São-me simpáticos os homens superiores porque são
[superiores
E são-me simpáticos os homens inferiores porque são
[superiores também
Porque ser inferior é diferente de ser superior,
E por isso é uma superioridade a certos momentos de visão.
Simpatizo com alguns homens pelas suas qualidades de
[carácter,
E simpatizo com outros pela sua falta de qualidades,
E com outros ainda simpatizo por simpatizar com eles,
E há momentos absolutamente orgânicos em que estes são
[todos os homens.

(p. 193)

A ambigüidade subjetiva é tematizada em "Dactilografia", em um contraste entre a vida comum e a infância, presente sob forma de "névoa" (uma forma de manifestar o "sair de si"). A oposição verdadeiro-falso apresentada pode ser lida pelo critério da diferença entre a espontaneidade infantil e os comportamentos padronizados do mundo adulto, este cunhado pela precariedade:

Temos todos duas vidas:

A verdadeira, que é a que sonhamos na infância,
E que continuamos sonhando, adultos num substrato de névoa;
A falsa, que é a que vivemos em convivência com outros,
Que é a prática, a útil,
Aquela em que acabam por nos meter num caixão.

(p. 231)

A indicação de que a pluralidade do universo motive uma disposição da subjetividade também plural é dada pelo próprio Fernando Pessoa - "Sê plural como o universo!" (p. 259) - quando escreve sobre a criação dos heterônimos.

Compreendida nessa perspectiva, a heteronímia é uma espécie de estratégia subjetiva, e estética, para apreender a pluralidade do mundo. A simulação de diferentes modelos de sentir e pensar relacionaria o sujeito com o mundo de diferentes formas. A formulação está equacionada em poemas de Álvaro de Campos:

Quanto mais personalidade eu tiver,
Quanto mais intensamente, estridentemente as tiver,
Quanto mais simultaneamente sentir com todas elas,

Quanto mais unificadamente diverso, dispersamente atento,
Estiver, sentir, viver, for.
Mais possuirei a existência total do universo,
Mais completo serei pelo espaço inteiro fora.

(p. 133)

Multipliquei-me, para me sentir,
Para me sentir, precisei sentir tudo,
Transbordei, não fiz senão extravasar-me,
Despi-me, entregueime,
E há em cada canto da minha alma um altar a um deus diferente.

(p. 193)

Como atesta essa última passagem, a multiplicação de si resulta num sentir-se, espécie de reconhecimento da própria subjetividade, experiência de integridade do ego. Podemos interpretar essas passagens como a equação da própria estratégia artística da heteronímia em Fernando Pessoa, estratégia contra "as dificuldades de representar simbolicamente uma experiência humana que perdeu a dimensão da totalidade, sujeitando-se à fragmentação repetitiva e ao domínio absoluto das coisas, no momento da expansão e internacionalização do capital" [12]; Para reconhecer a si como totalidade, relacionando-se de forma complexa com um mundo que se configura como múltiplo, a subjetividade usa o próprio mecanismo do múltiplo. Monta diferentes aparelhagens de condições de pensar, mentir - e escrever - revendo elementos da cultura clássica, em Ricardo Reis; apegando-se ao mundo natural de uma forma como que não-cultural, em Alberto Caeiro; levando a Modernidade às últimas conseqüências, em Álvaro de Campos, para não mencionar os semiheterônimos. Com essa multiplicidade, Pessoa como que experimenta diferentes formas de condição humana, diferentes possibilidades de equacionar o mundo. Seu olhar se coloca como que aquém da própria particularização de um eu - "Vi sempre o mundo independente de mim" (p. 130) - o que lhe dá a liberdade de modular dessa forma a percepção.

Um problema é colocado, porém, no "Aniversário". Nesse poema, o sujeito opõe o passado ao presente, dimensionando a perda de sentido da vida que se operou de lá para cá. Mas usa o critério da percepção para expressar a mudança: "No tempo em que festejavam o dia dos meus anos, / Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma, / (...) Quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da vida" (p. 223). A consciência da vida implicou uma perda da saúde, e uma perda do sentido. Na passagem citada a seguir, aparece algo como um prazer ameno, um alívio, tranqüilidade, na ocasião em que não se tem esse olhar detido sobre a vida, não há reflexão, mas uma entrega incondicional:

Não estou pensando em nada
E essa coisa central, que é coisa nenhuma,
É-me agradável como o ar da noite,
Fresco em contraste com o Verão quente do dia.
Não estou pensando em nada, e que bom!
Pensar em nada
É ter a alma própria e inteira.
Pensar em nada
É viver intimamente
O fluxo e o refluxo da vida...
Não estou pensando em nada.

(p. 123)

Esses versos são decisivos para este raciocínio, porque associam uma integridade subjetiva a essa espécie de inconsciência do não pensar. Mas essa passagem é praticamente única no conjunto da obra de Campos. Se não pensar é não fragmentar, toda a obra perpassa a fragmentação e, é claro, o pensamento. Estrofes depois, o Eu lírico ressaltaria sua distinção do homem vulgar pelo critério da capacidade de pensar o que sente:

Feliz o homem marçano,
Que tem a sua tarefa quotidiana normal, tão leve ainda que
[pesada,
Que tem a sua vida usual.
Para quem o prazer é prazer e o recreio é recreio.
Que dorme sono,
Que come comida,
Que bebe bebida, e por isso tem alegria.
A calma que tinhas, deste-ma, e foi; inquietação.
Libertaste-me, mas o destino humano é ser escravo.
Acordaste-me, mas o sentido de ser humano é dormir.

(p. 105)

Essa passagem, cujo interlocutor é Deus, equaciona claramente a questão. As redundâncias semânticas na primeira estrofe são precisamente a antítese da pluralidade de significações que perpassa um mundo vivido como múltiplo e fragmentário. Inconsciente dessa pluralidade, o homem comum, diz o sujeito, pode se sentir feliz. Mas o sentido do homem (comum), afirma-se, é ser escravo, é dormir - isto é, assujeitar-se, objectualizar-se. Através dessa reflexão, o sujeito lírico explica sua condição: sua inquietude vem de estar livre, acordado (a leitura política dessa reflexão é, evidentemente, a da formação da consciência ontológico-social) e, por oposição ao homem comum, infeliz. Essa condição é altamente desgastante: "Sim, estou cansado (...) De o cansaço ser só isto - (...) por cima de

tudo uma transparência lúcida/Do entendimento retrospectivo... / (...) Sou inteligente: eis tudo. / Tenho visto muito e entendido muito o que tenho visto." (p. 123). Esse cansaço, que o sujeito menciona em vários versos, é sintoma do esforço descomunal desse sujeito em existir compreendendo o mundo. Pois a compreensão impede que se ame o mundo da maneira como o padrão de vida vigente o institui: "Só amando os homens, as acções, a banalidade dos trabalhos, / Só assim - ai de mim! - só assim se pode viver. / Só assim, ó noite, e eu nunca poderei ser assim!" (p. 191).

A impossibilidade de o sujeito lírico viver o *modus vivendi* instituído, equacionada no revoltado poema "Lisbon revisited" (p. 206), associa, no conjunto da obra, a lucidez ao mal-estar, ao sentimento de crise. Essa associação se manifesta espontaneamente na irritação dos versos:

Não tenho, mesmo, defesa nenhuma; sou lúcido.
Não me queiram converter a convicção: sou lúcido.
Já disse: sou lúcido.
Nada de estéticas com coração: sou lúcido.
Merda! Sou lúcido.

(p. 143)

E essa lucidez radicaliza o sentimento de exclusão: "Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer, / E não tivesse mais irmandade com as coisas" (p. 209).

Aqui equacionada com a lucidez, a exclusão é acentuada na radicalidade do "Poema em linha recta", e nos versos de "Lisbon revisited" ("Estrangeiro aqui como em toda a parte", p. 208). E neste ponto é possível enlaçar o início do raciocínio geral, retomando o problema da marginalidade. Criando uma coerência interna no pensamento de Álvaro de Campos, revela-se a motivação da marginalidade: ela existe enquanto a consciência e a lucidez existirem; consciência e lucidez das quais o homem comum está privado.

A leitura política dessa relação é a reflexão crítica sobre a ideologia (no sentido de Adorno): o sujeito lírico sabe que a felicidade do homem comum é, na verdade, produto de uma ingenuidade em relação ao mundo; essa ingenuidade pode ser ligada facilmente à atuação da ideologia.

O problema não é sócio-político apenas nesse sentido. O ajuste da subjetividade ao múltiplo do mundo, a formulação da heteronímia são decisivas na virtualização de um mundo não acabado, e renovável na História, pelas múltiplas forças em

trânsito, formulando infinitamente mundos heterônimos.

A própria necessidade da experiência intensa de alteridade, de representação tão recorrente em Álvaro de Campos, é potencialmente decisiva. Para Walter Benjamin, como salienta Wisnik: "a transformação revolucionária da realidade estaria a depender de uma profunda interpenetração do espaço físico e imagístico (isto é, do desencadeamento das tensões acumuladas entre a organização material da sociedade e a ordem do imaginário coletivo, de cuja reverberação poderiam saltar descargas revolucio-nárias)" [13].

O tema da marginalidade, em Álvaro de Campos, parece ser um índice importante para a compreensão de Fernando Pessoa. Dentro do raciocínio desenvolvido, levando em conta as mediações explicitadas, a marginalidade de certa forma motiva a heteronímia subjetiva, por outro lado é motivada por ela. De um lado: a partir da visão diferenciada de um excluído, o sujeito se conscientiza da coisificação, procura a alteridade, intensificando-a até atingir a noção de totalidade e ajusta a própria subjetividade à multiplicidade do mundo. De outro lado: a lucidez sobre o mundo, que depende, aqui, da possibilidade do pensamento heteronímico, desconforta, impedindo o sujeito de assumir o *modus vivendi* comum, derivando daí um sentimento de marginalidade. Nesse quadro, o sujeito se opõe mentalmente aos outros, sem deixar de andar por entre e multidão.

A consideração dessa equação, para o aprofundamento da análise, tem de ter em conta pelo menos duas reservas teóricas que dizem respeito à condução de sua montagem. A primeira, quanto à interpretação parcial dada à idéia de "sair de si" de Adorno, conscientemente orientada para o sentido específico do desejo de alteridade (problema discutido por Wisnik), sentido que não aparece em igual formulação no texto do sociólogo de Frankfurt. A segunda, quanto à escolha deliberada de não equacionar os outros heterônimos, em nome do esmiuçamento da significação deste em particular.

Se essas noções forem admissíveis, o estudo da obra poética de Fernando Pessoa, ao menos do componente heteronímico, deve levar em conta esse parâmetro temático da marginalidade, que sugere a revisão das posturas subjetivas em Caeiro e R. Reis, e especialmente no Pessoa ele mesmo. O aprofundamento deste trabalho levaria em conta variáveis que, intervenientes nesse raciocínio, até aqui não foram analisadas, como as passagens sobre morte e as que versam sobre máquina.

A própria noção de lírica passa a ser objeto de novas questões, principalmente no que se refere ao seu caráter social, o qual parece se evidenciar através de

elementos que, embora afastados da intenção realista, estabelecem um diálogo polemizador com a ordem social.

NOTAS

- [1] PESSOA, Fernando. *Poesias de Álvaro de Campos*. Europa-América, s.d. (Livros de bolso Europa-América, 441)
- [2] BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas de Baudelaire. In: *A Modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. p. 46.
- [3] CORREA, Raimundo. *Poesias*. Rio de Janeiro: São José, 1958.
- [4] ANJOS, Augusto dos. *Eu & outras poesias*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982. v. 1
- [5] PESSOA, Fernando. Sensacionalismo: o capítulo sobre relação entre a arte moderna e a vida moderna. In: *Obras em prosa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986. ps.438-41.
- [6] ADORNO, Theodor W. Discurso sobre lírica e sociedade. In: LIMA, L. *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975. p. 345.
- [7] Idem, p. 352.
- [8] Idem, p. 348
- [9] Idem, p. 344.
- [10] WISNIK, José Miguel. Iluminações profanas (poetas, profetas, drogados.) In: NOVAES, Adauto, org. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- [11] ARRIGUCCI JR, Davi. *Achados e Perdidos*. São paulo: Polis, 1979. p. 132.
- [12] Idem, p. 10.
- [13] WISNIK, José Miguel. op. cit.. O texto de Benjamin em que se baseia é: "O surrealismo - o mais recente instantâneo da inteligência européia" in BENJAMIN, W. et alii. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.